



## **GASTRONOMIA QUILOMBOLA COMO RESISTÊNCIA: MEMÓRIA, GÊNERO E IDENTIDADE NO QUILOMBO DE SÃO LOURENÇO-PE**

**Autores/as:** Daniel Lucas Carneiro dos Santos (Universidade Federal da Paraíba; daniellucascarneiro@gmail.com); Sérgio Henrique Ferreira da Silva (Universidade Federal da Paraíba; sergiohfs02@gmail.com)

**RESUMO EXPANDIDO:** Ensaio

### **PROBLEMATIZAÇÃO DO TEMA**

A história do Brasil é marcada por profundas desigualdades estruturais que têm origem no período colonial e escravocrata. O processo de colonização consolidou uma lógica de dominação racial, de gênero e de classe que ainda se manifesta nas relações sociais contemporâneas. Sob essa perspectiva, as mulheres negras, especialmente aquelas vinculadas a comunidades quilombolas, são afetadas por diversas formas de marginalização: são excluídas pelo racismo estrutural e, ao mesmo tempo, desvalorizadas pelo sexismo e pela divisão sexual do trabalho (GONZALEZ, 1988).

A marginalização dessas mulheres, contudo, não se limitou à opressão, uma vez que, junto às tentativas de apagamento cultural, comunidades negras construíram espaços de resistência e afirmação identitária. Os quilombos, tradicionalmente reconhecidos como refúgio de escravizados fugidos, devem ser compreendidos também como territórios de invenção social, política e cultural. Entre os inúmeros quilombos existentes no Brasil, o de São Lourenço, localizado no município de Goiana, no estado de Pernambuco, figura como um dos mais antigos e relevantes. Seu processo de construção sociocultural revela como a ancestralidade africana, os vínculos comunitários e as práticas culturais resistem ao longo do tempo, reafirmando identidades diante de processos históricos de exclusão.

Nesse processo, a cozinha desempenha um papel central, muito mais do que espaço de preparo de alimentos, ela se torna um território simbólico onde memórias, identidades e estratégias de sobrevivência se articulam. O ato de cozinhar, de consumir e compartilhar alimentos, e transmitir receitas vai além da dimensão biológica da alimentação: representa uma prática cultural, social e política. Como argumenta Fischler (1995), comer é também um



ato de pertencimento e de identidade; nesse sentido, a culinária quilombola é um veículo de resistência frente à homogeneização cultural de raízes coloniais.

Nesse viés, a gastronomia social configura-se como um campo que reconhece e valoriza as contribuições de diferentes grupos étnicos, raciais e de gênero, ao mesmo tempo em que compreende a cozinha como uma ferramenta de inclusão, resistência e transformação social. Nesse sentido, discutir o papel da culinária no Quilombo de São Lourenço implica refletir sobre as práticas alimentares não apenas como rotinas cotidianas, mas como atos de existência e expressões identitárias, capazes de reafirmar pertencimentos coletivos e contribuir de forma significativa para o debate acerca de gênero, raça e cultura.

## **OBJETIVO**

### **Objetivo geral**

Analisar como a culinária no Quilombo de São Lourenço se expressa como prática de resistência cultural, social, política e de afirmação da soberania alimentar, considerando as intersecções entre gênero, raça e identidade.

### **Objetivos específicos**

- Compreender de que maneira os saberes culinários transmitidos por mulheres quilombolas contribuem para a preservação da memória coletiva e da identidade comunitária;
- Investigar como as práticas alimentares no Quilombo de São Lourenço funcionam como estratégias de resistência frente às tentativas de apagamento cultural e às desigualdades históricas;
- Examinar a relação entre culinária, gênero e raça no contexto quilombola, identificando como esses elementos se articulam na produção de sentidos e pertencimentos;
- Discutir as práticas alimentares do quilombo à luz do campo da gastronomia social, evidenciando seus potenciais de inclusão, empoderamento e valorização da diversidade cultural.

## **PROCESSO ANALÍTICO COM FONTES DE INFORMAÇÕES**

### **1. Contexto histórico e social**

A análise proposta neste ensaio baseia-se na articulação de fontes históricas, teóricas e culturais que permitem compreender a complexidade do Quilombo de São Lourenço e de suas práticas culinárias. Do ponto de vista histórico e social, a escravidão no Brasil não apenas impôs a desumanização de africanos e de seus descendentes, mas também buscou silenciar seus saberes e práticas culturais. Apesar disso, os quilombos surgiram como formas de resistência, preservando vínculos comunitários e ancestrais que atravessaram os séculos. O Quilombo de São Lourenço, cuja formação remonta ao século XVII, constitui um exemplo emblemático da continuidade histórica das comunidades quilombolas, revelando como a ancestralidade africana e as práticas culturais resistem às adversidades.

Nesse contexto, a religiosidade, a oralidade e a culinária assumem papel estratégico na manutenção das identidades. O alimento, longe de se restringir à função biológica e nutricional, converte-se em memória e identidade, reafirmando a resistência das comunidades. Fischler (1995) contribui ao demonstrar que o ato de comer não pode ser reduzido à dimensão fisiológica, mas deve ser entendido como linguagem social e cultural que expressa pertencimento e identidade coletiva. Essa idéia dialoga diretamente com as práticas alimentares quilombolas, em que os modos de preparo, partilha e consumo do alimento se constituem como práticas políticas e identitárias.

Essa dimensão cultural pode ser mais bem compreendida quando se observa o entrecruzamento de perspectivas teóricas. Gonzalez (1988), ao discutir a categoria político-cultural de *amefricanidade*, evidencia como as práticas de matriz africana permanecem vivas nas Américas, transmitidas especialmente pelas mulheres negras que, por meio da oralidade e do cotidiano, guardam e recriam os saberes ancestrais. De maneira complementar, Collins (2016), ao desenvolver sua análise sobre a posição da *outsider within*, permite compreender a centralidade das mulheres negras como sujeitos que, situadas na interseção de múltiplas opressões, elaboram estratégias de resistência.



Por fim, Acselrad (2010) oferece ferramentas para compreender como os desafios contemporâneos enfrentados por comunidades tradicionais diante do racismo ambiental, isto é, da expropriação territorial e da degradação ambiental que afetam sua subsistência e cultura.

Assim, observa-se que a análise do Quilombo de São Lourenço requer o entrelaçamento de abordagens históricas, teóricas e culturais, de modo a revelar como a culinária se configura como resistência e como afirmação identitária.

## **2. Fontes empíricas e culturais**

O Quilombo de São Lourenço, situado em Goiana (PE), constitui-se como um espaço de resistência marcado pelo protagonismo das mulheres na preservação da memória coletiva e na mobilização social. Andrade (2023), em sua dissertação etnográfica, evidencia como as trajetórias de vida das mulheres quilombolas se entrelaçam com a história da própria comunidade, revelando práticas que, para além da subsistência, configuram-se como estratégias de luta política e de fortalecimento identitário. A autora demonstra que a memória não é apenas um recurso simbólico, mas uma ferramenta concreta de mobilização que garante a continuidade das tradições e a afirmação do território frente às pressões externas. Assim, o Quilombo de São Lourenço aparece como um lugar em que as práticas cotidianas, desde o trabalho com a terra e o mar até a transmissão de saberes culinários e rituais, assumem a função de resistência ativa contra o racismo estrutural e as tentativas de apagamento cultural.

O Quilombo de São Lourenço conserva práticas alimentares que expressam a herança africana e indígena, como a preparação da goma, do beiju, e dos pratos à base de frutos do mar, pescados e mariscos da região, a exemplo Moqueca de folha que é uma comida típica do território, feita com marisco temperado, colocado na palha do coqueiro e assado sob a brasa e que vem passando por um processo de reconhecimento para se tornar patrimônio cultural. O modo de preparo, a coleta e o consumo coletivo desses alimentos constituem rituais cotidianos que reafirmam a ancestralidade. A oralidade desempenha papel crucial nesse processo, pois é por meio dela que receitas e técnicas culinárias são transmitidas entre gerações. Essas práticas revelam como a gastronomia quilombola é, ao mesmo tempo, memória, resistência e política.

## **FORMAS DE ANALISÁ-LAS**

A análise das práticas culturais e culinárias do Quilombo de São Lourenço pode ser desenvolvida a partir de três eixos teórico-metodológicos que se articulam de forma integrada. O primeiro deles é a perspectiva da decolonialidade, que permite compreender que a colonialidade do poder e do saber não se encerrou com o fim formal do colonialismo, mas continua estruturando hierarquias raciais e de gênero. Nesse cenário, a preservação das práticas alimentares quilombolas pode ser entendida como forma de resistência, já que mobiliza conhecimentos e tradições que historicamente não foram legitimados pela epistemologia eurocêntrica.

O segundo eixo é a interseccionalidade, conceito que possibilita analisar como raça, gênero e classe se articulam na experiência das mulheres quilombolas e nas opressões que elas sofrem. A cozinha, nesse sentido, é um espaço privilegiado para observar como essas múltiplas opressões se convertem em protagonismo cultural (COLLINS, 2016). Longe de se configurar apenas como lugar de subalternidade, ela é também território político onde as mulheres exercem autoridade, transmitem memórias e reafirmam identidades.

O terceiro eixo analítico fundamenta-se na antropologia da alimentação, representando como o ato de comer é entendido como um fenômeno cultural e simbólico, carregado de significados sociais. Ao analisar a culinária quilombola, percebe-se como a identidade coletiva se materializa nos sabores, nos cheiros e nas técnicas de preparo, constituindo uma linguagem simbólica que comunica pertencimento e resistência.

A integração dessas perspectivas teóricas permite compreender a cozinha do Quilombo de São Lourenço não apenas como espaço de preparo de alimentos, mas como território simbólico onde se articulam resistência política, preservação cultural e produção de identidades coletivas. Dessa forma, evidencia-se que a gastronomia quilombola, ao mesmo tempo em que guarda as memórias ancestrais, também se projeta como prática de futuro, reafirmando a potência da gastronomia social como ferramenta de inclusão e empoderamento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise do Quilombo de São Lourenço, a partir de sua história, práticas culturais e, em especial, de sua culinária, revela como a alimentação se constitui em um espaço de resistência e de produção identitária frente às desigualdades históricas que marcam a sociedade brasileira. As práticas alimentares quilombolas, longe de se restringirem à função biológica da subsistência, emergem como atos de resistência política e de afirmação cultural, transmitidos de geração em geração, sobretudo pelas mulheres negras que, ao ocuparem um lugar central no cotidiano da comunidade, preservam memórias, produzem sentidos coletivos e projetam horizontes de futuro.

Ao articular perspectivas teóricas como a decolonialidade, a interseccionalidade e a antropologia da alimentação, torna-se possível compreender como o alimento, no contexto quilombola, é também uma linguagem que comunica pertencimento, ancestralidade e resistência. A cozinha, nesse sentido, não pode ser entendida apenas como espaço de trabalho ou subsistência, mas como território político e simbólico, onde práticas culturais se materializam e se reinventam diante das tentativas históricas e contemporâneas de apagamento.

O Quilombo de São Lourenço exemplifica a capacidade de reinvenção das comunidades negras brasileiras, que, a partir da culinária, reafirmam suas identidades e fortalecem laços comunitários. Essa dimensão da Gastronomia, reconhecida pelo campo da gastronomia social, amplia o debate sobre gênero, raça e cultura, ao evidenciar que cozinhar, partilhar e transmitir saberes culinários constituem estratégias fundamentais de inclusão, empoderamento e valorização da diversidade cultural.

Assim, compreender a culinária quilombola como prática de resistência significa reconhecer o alimento como patrimônio imaterial e como instrumento de luta política, capaz de preservar o passado, sustentar o presente e projetar futuros possíveis para comunidades que insistem em existir e resistir.



## **REFERÊNCIAS:**

ACSELRAD, Henri. Meio ambiente e justiça: as estratégias argumentativas e a ação coletiva. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2010.

ANDRADE, Crislaine Venceslau de. Mulheres quilombolas de Povoação de São Lourenço (Goiana/PE): trajetórias de vida e mobilização política. 2023. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 99–127, 2016.

FISCHLER, Claude. *El (h)omnívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo*. Barcelona: Anagrama, 1995.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Revista Tempo Brasileiro*, n. 92/93, p. 69–82, 1988.

**Palavras-chave:** Gastronomia Social, Culinária Quilombola, Resistência Cultural

**Fonte(s) de financiamento/apoio:** Trabalho sem financiamento/apoio.

**Conflito de interesses:** Não há conflito de interesse a declarar.